

trocada



Amanda Hocking

tradução
Priscila Catão

ROCCO
JOVENS LEITORES

UM



casa

Minha mesa estava um pouco babada, e abri os olhos bem a tempo de ouvir sr. Meade bater violentamente o livro em cima dela. Eu estava no colégio havia apenas um mês, mas logo aprendi que aquela era a maneira preferida dele de me despertar dos meus cochilos em suas aulas de história. Embora eu sempre tentasse ficar acordada, aquela voz monótona me embalava no sono.

– Srta. Everly? – vociferou sr. Meade. – Srta. Everly?

– Hum? – murmurei.

Ergui a cabeça e enxuguei discretamente a baba. Olhei ao redor para ver se alguém tinha percebido. A maioria da turma parecia não ter visto nada, exceto Finn Holmes. Ele estava aqui havia uma semana, era o único aluno mais novo que eu. Sempre que eu olhava para ele, via-o me olhando de maneira totalmente descarada, como se isso fosse perfeitamente normal.

Havia algo estranhamente quieto e calmo nele, e eu ainda não ouvira sua voz, apesar de fazermos quatro matérias juntos. Finn usava o cabelo preto para trás, e seus olhos eram da mesma cor.

Era muito bonito, mas eu o achava tão esquisito que não conseguia me sentir atraída por ele.

– Desculpe interromper seu sono. – Sr. Meade limpou a garganta para que eu o olhasse.

– Tudo bem – falei.

– Srta. Everly, por que não vai para a diretoria? – sugeriu sr. Meade, e eu gemi. – Já que está se acostumando a dormir na minha aula, talvez o diretor consiga pensar em algo que a ajude a ficar acordada.

– Estou acordada – insisti.

– Agora, srta. Everly. – Sr. Meade apontou para a porta como se eu tivesse esquecido onde era a saída e precisasse ser lembrada.

Fixei o olhar nele e, por mais rigorosos que seus olhos acinzentados parecessem, pude perceber que sr. Meade cederia facilmente. Fiquei repetindo várias e várias vezes na minha cabeça: *Não preciso ir para a diretoria. Você não quer me mandar para lá. Deixe que eu fique na aula.* Em questão de segundos, o rosto dele relaxou, e seus olhos ficaram sem expressão.

– Pode ficar até o fim da aula – disse, hesitante. Balançou a cabeça, limpando os olhos. – Mas da próxima vez você vai direto para lá, srta. Everly. – Ele pareceu confuso por um instante e depois voltou rapidamente à sua aula de história.

Eu não sabia exatamente o que estava fazendo – tentava não pensar nisso a ponto de ser capaz de definir o que era. Cerca de um ano antes, eu tinha descoberto que, se pensasse em algo e olhasse para uma pessoa com bastante força, conseguia levá-la a fazer o que eu queria.

Por mais legal que aquilo pudesse parecer, eu evitava o máximo possível. Em parte porque me achava maluca por acreditar

que era de fato capaz de algo assim, apesar de sempre funcionar. Mas era principalmente porque eu não gostava de agir dessa forma. Ficava me sentindo manipuladora e desonesta.

Sr. Meade continuou a falar, e eu o acompanhei atentamente, fazendo um esforço a mais por causa da culpa. Não queria ter feito aquilo com ele, só que eu não podia ir para a diretoria. Tinha acabado de ser expulsa do meu último colégio, e isso obrigara meu irmão e minha tia a desenraizarem as suas vidas mais uma vez a fim de que nos mudássemos para perto do meu novo colégio.

Quando a aula finalmente acabou, enfiei os livros na mochila e fui embora rapidamente. Eu não gostava de ficar por perto após ter usado o truque do controle da mente. Sr. Meade poderia mudar de ideia e me mandar para a sala do diretor, então corri em direção ao meu armário.

Eu me esforcei de verdade na última escola, mas a filha do reitor estava decidida a tornar a minha vida um inferno. Aturei as provocações e as gozações dela o quanto pude, até o dia em que ela me encostou num canto do banheiro e me xingou de todos os palavrões possíveis. Finalmente cheguei ao meu limite e dei um murro nela.

O reitor decidiu pular a regra de que o aluno podia receber apenas uma advertência e me expulsou de uma vez. Sei que foi em boa parte porque recorri ao uso de violência física com a filha dele, mas não tenho certeza se foi só por causa disso. Enquanto outros estudantes eram tratados com leniência, por alguma razão comigo nunca era assim.

Folhetos coloridos decoravam os armários desgastados, animando os alunos a participar da equipe de debate, dos testes para a peça do colégio e do baile semiformal de outono daquela

sexta-feira. Fiquei imaginando o que seria “semiformal” para um colégio público, não que fosse me dar o trabalho de perguntar a alguém.

Cheguei ao meu armário e comecei a guardar os livros. Sem precisar olhar, sabia que Finn estava atrás de mim. Olhei por cima do ombro e o vi; ele estava tomando um gole d’água no bebedouro. Quase na mesma hora, ergueu a cabeça e me encarou, como se também pudesse perceber minha presença.

O cara estava apenas olhando para mim, nada além disso, mas achei aquilo de certo modo perturbador. Eu tinha suportado os olhares dele por uma semana inteira, tentando evitar um confronto, então não dava mais para aguentar. Era *ele* quem estava se comportando inadequadamente, não eu. Eu não me meteria em encrenca só por falar com ele, não é?

– Ei – chamei-o, fechando o meu armário. Reajuste as alças da mochila e atravessei o corredor para me aproximar.

– Por que está me encarando?

– Porque você está na minha frente – respondeu Finn simplesmente. Ele olhou para mim com os olhos emoldurados pelos cílios escuros, sem nenhum sinal de vergonha e sem negar nada. Era mesmo irritante.

– Você *sempre* está me encarando – insisti. – É estranho. Você é estranho.

– Não estava tentando me enturmar.

– Por que fica olhando para mim o tempo todo? – Eu sabia que tinha apenas repetido a mesma pergunta com outras palavras, mas ele ainda não tinha me dado uma resposta decente.

– Incomoda você?

– Responda a pergunta. – Coloquei os ombros para trás, tentando deixar a minha presença mais imponente para que ele não percebesse o quanto me inquietava.

– Todo mundo sempre olha para você – disse Finn com naturalidade. – Você é muito atraente.

Pareceu um elogio, apesar de ele ter dito aquilo sem nenhuma emoção na voz. Não dava para perceber se Finn estava fazendo piada com uma vaidade que eu nem sequer tinha ou se estava simplesmente constatando um fato. Estaria me elogiando ou debochando de mim? Ou será que era alguma outra coisa totalmente diferente?

– Ninguém me encara tanto quanto você – falei com o máximo de calma possível.

– Se isso a inquieta, vou tentar parar – sugeri Finn.

Era complicado. Para pedir que ele parasse, eu teria que admitir que aquilo tinha me incomodado, e eu não gostava de admitir que nada me incomodava. Se eu mentisse e dissesse que não tinha problema, ele simplesmente continuaria fazendo.

– Não pedi para você parar, eu perguntei a razão – emendei.

– Eu falei o porquê.

– Não, não disse – contrapus, balançando a cabeça. – Você só disse que todo mundo olha para mim. Não explicou porque *você* olha para mim.

Quase imperceptivelmente, o canto do lábio dele ergueu-se, insinuando um sorriso malicioso. Não era que simplesmente estivesse curioso sobre mim; eu tinha a impressão de que Finn também gostara da minha atitude, como se de alguma maneira ele tivesse me testado e eu tivesse passado.

Meu estômago deu uma revirada idiota que eu nunca tinha sentido antes, e engoli em seco com força, tentando me acalmar.

– Olho para você porque não consigo desviar o olhar – respondeu Finn finalmente.

Aquilo me deixou muda, tentando pensar em alguma resposta inteligente, mas meu cérebro se recusava a funcionar. Quando vi que minha mandíbula estava solta e que eu provavelmente estava parecendo uma menininha impressionada, tentei me recompor.

– Isso é meio esquisito – disse finalmente, e minhas palavras saíram fracas em vez de acusatórias.

– Vou tentar ser menos esquisito, então – prometeu Finn.

Eu o chamei de esquisito, e ele não se incomodou nem um pouco. Não gaguejou um pedido de desculpas nem corou de vergonha. Apenas ficou olhando para mim calmamente. Era provável que fosse um psicopata maldito e, sei lá por que razão, eu achei aquilo encantador.

Não consegui pensar numa resposta engraçadinha, mas o sinal tocou e me livrou daquela conversa desagradável. Finn apenas balançou a cabeça, encerrando a nossa discussão, e seguiu pelo corredor em direção à sua aula seguinte. Ainda bem que era uma das poucas a que não assistíamos juntos.

Mantendo sua palavra, ele passou o resto do dia sem agir de maneira estranha. Sempre que o via, ele estava fazendo algo inofensivo e que não tinha a ver com olhar para mim. Eu ainda tinha aquela sensação de que Finn me observava quando eu estava de costas para ele, só não podia provar.

Quando o último sinal tocou às três horas, tentei ser a primeira a sair. Era Matt, meu irmão mais velho, que me buscava

no colégio, pelo menos até que encontrasse um emprego, e não queria que ele ficasse esperando. Além disso, eu não queria ter mais nenhum contato com Finn Holmes.

Encaminhei-me para o estacionamento, que ficava no fim do gramado do colégio. Procurando o carro de Matt, comecei distraidamente a roer a unha do dedão. Tinha um sentimento esquisito, quase como um calafrio, percorrendo as minhas costas. Virei-me, meio que esperando ver Finn atrás de mim, mas não havia nada.

Tentei me livrar daquela sensação, e meu coração disparou. Parecia ser algo mais sinistro do que um simples garoto do colégio. Ainda estava olhando para o nada, tentando descobrir o que tinha me deixado em pânico, quando uma buzina alta me fez pular de susto. Matt estava parado depois de alguns carros, olhando para mim por cima dos óculos escuros.

– Desculpe. – Abri a porta do carro, entrei e ele ficou me olhando. – O que foi?

– Você parece nervosa. Aconteceu alguma coisa? – perguntou Matt, e suspirei. Ele levava essa história de irmão mais velho muito a sério.

– Não, não aconteceu nada. O colégio é um saco – respondi, querendo mudar de assunto. – Vamos para casa.

– Cinto – ordenou Matt, e eu obedeci.

Matt sempre foi quieto e reservado; ele analisava tudo cuidadosamente antes de tomar uma decisão. Em todos os aspectos, era um contraste e tanto em relação a mim, exceto pelo fato de nós dois sermos relativamente baixos. Eu era pequena, com um rosto bastante bonito e feminino. Meus cabelos castanhos eram

um conjunto bagunçado de cachos rebeldes que eu prendia em coques frouxos.

Ele mantinha os cabelos loiros cor de areia bem aparados e arrumados, e seus olhos eram do mesmo tom de azul dos de nossa mãe. Matt não parecia musculoso, mas era forte e atlético de tanto malhar. Tinha um senso de dever, como se tivesse que garantir que era forte o suficiente para nos defender contra qualquer coisa.

– Como estão as coisas no colégio? – perguntou.

– Ótimas. Maravilhosas. Fantásticas.

– Será que você vai pelo menos se formar este ano? – Matt deixara de criticar o meu histórico escolar havia muito tempo. Ele no fundo nem se importava se eu me formaria ou não.

– Quem sabe? – falei, dando de ombros.

Em qualquer colégio que eu estudasse, os alunos pareciam nunca gostar de mim, mesmo antes de eu dizer ou fazer algo. Sentia como se tivesse algo de errado comigo e todos soubessem. Tentava me dar bem com os outros, mas eu só aguentava que me-xessem comigo até certo ponto antes de revidar. Os diretores e os reitores não demoravam a me expulsar, provavelmente porque achavam o mesmo que os alunos.

Eu simplesmente não me encaixava.

– Só para você saber, Maggie está levando isso a sério – disse Matt. – Ela está decidida a fazer você se formar este ano, neste colégio.

– Maravilha – respondi, suspirando. Matt não queria nem saber dos meus estudos, mas minha tia Maggie era outra história. E, como ela era minha tutora legal, sua opinião era mais importante. – Qual o plano dela?

– Maggie está pensando em determinar uma hora de dormir – informou-me Matt com um sorriso cínico. Como se me mandar mais cedo para a cama fosse, de algum modo, impedir que eu me envolvesse em brigas.

– Tenho quase dezoito anos! – resmunguei. – Ela está achando o quê?

– Faltam quatro meses para você fazer dezoito anos – corrigiu Matt rapidamente, e a mão dele apertou mais o volante. Ele tinha a estranha impressão de que eu fugiria assim que fizesse dezoito anos, e não havia nada que eu pudesse dizer para convencê-lo do contrário.

– Certo, que seja – respondi, balançando a cabeça. – Você falou que ela está maluca?

– Imaginei que ela já ouviria isso o suficiente de você – disse Matt, sorrindo para mim.

– E, então, achou um emprego? – perguntei, hesitando, e ele balançou a cabeça.

Ele tinha acabado de terminar um estágio de verão em uma excelente firma de arquitetura. Dissera que não se importava em se mudar para uma cidade sem muitas oportunidades para um arquiteto jovem e promissor, mas não pude deixar de me sentir culpada por isso.

– A cidade é bonita – disse eu, olhando pela janela.

Estávamos perto da nossa nova casa, que ficava escondida numa rua suburbana comum, bem arborizada. Parecia mesmo ser uma cidadezinha entediante, mas eu tinha prometido me comportar bem. E era tudo o que eu queria, pois acho que não aguentaria desapontar Matt novamente.

– Então vai se esforçar aqui? – perguntou Matt, olhando para mim. Tínhamos parado na entrada da garagem ao lado da casa vitoriana cor de creme que Maggie comprara no mês anterior.

– Já estou me esforçando – insisti, sorrindo. – Tenho conversado com um garoto, Finn. – Claro, tinha falado com ele apenas uma vez, e nunca acharia que era meu amigo, no entanto, precisava dizer algo para Matt.

– Olha só, está fazendo seu primeiro amigo. – Matt desligou o carro e olhou para mim com um sorriso velado.

– É... e quantos amigos você tem? – devolvi. Ele apenas balançou a cabeça e saiu do carro, e eu corri atrás dele. – Foi o que pensei.

– Eu já tive amigos. Fui a festas. Beije garotas. Tudo a que tenho direito – disse Matt, entrando na porta lateral da casa.

– Se é o que está dizendo... – Tirei meus sapatos assim que entramos na cozinha, onde ainda havia muito a ser desencaixotado. Como tínhamos nos mudado várias vezes, nós nos cansamos de todo o processo, por isso costumávamos viver com as coisas nas caixas. – Eu só vi uma dessas supostas garotas.

– Sim, porque, quando eu a levei lá em casa, você incendiou o vestido dela! Enquanto ela o usava! – Matt tirou os óculos e olhou para mim, sério.

– Ah, qual é?! Foi um acidente e você sabe disso.

– Se é o que está dizendo... – Matt abriu a geladeira.

– Tem algo bom aí dentro? – perguntei, e me sentei no balcão da cozinha. – Estou esfomeada.

– Provavelmente nada de que você goste. – Matt começou a vasculhar o que havia na geladeira, mas ele tinha razão.

Eu era muito chata para comer. Por mais que nunca tivesse planejado tornar-me vegana, eu odiava tudo o que tinha carne ou coisas sintéticas, processadas por humanos. Isso era estranho e extremamente irritante para as pessoas que me ofereciam comida.

Maggie apareceu na porta da cozinha, com manchas de tinta nos cachos loiros. Havia várias camadas coloridas cobrindo o seu macacão surrado, uma amostra de todos os cômodos que tinha redecorado ao longo dos anos. Ela estava com a mão nos quadris, então Matt fechou a geladeira para lhe dar total atenção.

– Achei que tinha dito para vocês avisarem quando chegassem em casa – reclamou Maggie.

– Chegamos! – tentou Matt.

– Dá pra ver. – Maggie mudou a direção dos olhos e voltou a atenção para mim. – Como foi o colégio?

– Bom – respondi. – Estou me esforçando mais.

– Já ouvi isso antes. – Maggie me lançou um olhar de cansaço.

Odiava quando ela me olhava daquele jeito. Odiava saber que se sentia daquela maneira por minha causa, que eu a tinha desapontado tanto. Ela fizera tanto por mim, e tudo o que pedia em troca era que eu ao menos me *esforçasse* no colégio. Eu tinha que fazer as coisas direito desta vez.

– Sim, bem... mas... – Olhei para Matt buscando ajuda. – Quero dizer, desta vez prometi de verdade para Matt. Já tenho até um novo amigo.

– Ela tem conversado com um garoto chamado Finn. – Matt corroborou a minha história.

– Tipo um *garoto* de verdade? – Maggie abriu um sorriso grande demais para o meu gosto.

A ideia de Finn ser um possível namorado não havia passado ainda pela cabeça de Matt, e de repente ele ficou tenso, prestando atenção em mim de uma maneira diferente. Para a sorte dele, aquele pensamento também não tinha passado pela minha cabeça.

– Não, não é nada assim – respondi, balançando a cabeça. – É só um garoto, eu acho. Não sei. Ele parece ser legal.

– Legal? – falou Maggie com entusiasmo. – Já é um começo! E bem melhor do que aquele anarquista com a tatuagem no rosto.

– Nós não éramos amigos – corrigi-a. – Eu apenas roubei a moto dele. E por acaso ele estava em cima dela.

Ninguém acreditava muito naquela história, mas era verdade, e foi como descobri que conseguia fazer as pessoas me obedecerem apenas com o pensamento. Estava pensando em como queria a moto dele e fiquei olhando, e ele acabou me ouvindo, apesar de eu não ter dito nada. Logo depois eu estava dirigindo a moto.

– Então este vai ser mesmo um novo começo para nós? – Maggie não conseguia mais conter o entusiasmo. Seus olhos azuis começaram a se encher de lágrimas de alegria. – Wendy, isso é tão maravilhoso! Podemos mesmo fazer daqui um lar!

Eu não estava nem de longe tão animada quanto ela, ainda assim não pude deixar de torcer para que ela estivesse certa. Seria bom me sentir em casa em algum lugar.

Encontrou uma cópia de *Mein Kampf* e um livro que tinha figuras bem gráficas de como precisamente infringir a pior tortura e empalar pessoas vivas.

– É verdade, Loki? – perguntou o rei, cuja voz ecoava no cômodo como cascalho e trovão.

– Que eu não fiz nada? – Loki balançou a cabeça. – Não, senhor, claro que não. Eu encabecei a equipe, mas deleguei...

– Ele esperou no carro enquanto nós fomos atrás dela – interrompeu Jen com um tom desagradável de queixa. – Ele não fez nada enquanto os Trylle a levavam.

Loki olhou para Jen com seriedade em seus olhos cor de caramelo.

– Sim, eu esperei no carro, mas disse para você ligar se precisasse de mim. – Ele estava praticamente cuspidando as palavras ao falar. – E você não ligou em nenhum momento, nem quando deixou que um único rastreador saísse fugindo com ela.

– Não deixamos que ele fizesse nada! – gritou Jen. – Se você estivesse lá, poderia ter ajudado a impedi-lo!

– Mas você falou que não precisava de mim – rebateu Loki. – Você não queria nem que o rei deixasse eu ir com você. Insistiu que conseguiria se virar se mim, então lhe dei o benefício da dúvida.

– E eu mandei você ir para dar o benefício da dúvida? – perguntou o rei, finalmente se virando na direção deles pela primeira vez.

– Não. – Loki abaixou os olhos. – Mas eu estava bem ali no carro. Achei que eles seriam capazes de fazer uma simples vigiância.

– Eu lhe avisei que eles não eram capazes. – O rei aproximou-se de Loki, com os olhos verdes cravados nele. – Avisei que eles eram incompetentes e incapazes de lidar com isso, e, por mais que você não seja muito melhor do que nenhum dos dois, você é mais forte. Sem falar naquele seu truque da mente.

– Eu sei, só que não achei que eles fossem deixá-la escapar. – Loki ousou olhar para o rei e apontou para Jen e Kyra ao seu lado. – Quero dizer, são eles dois contra uma garota estúpida! Não achei que fossem capazes de estragar tudo assim.

– Mas eu achei. – O rei estava bem na frente de Loki, fulminando-o com o olhar. – E lhe avisei para corrigir a situação. Você corrigiu?

Loki engoliu em seco.

– Não, senhor, não corriji.

O rei assentiu com a cabeça uma única vez. Virou-se, como se fosse se afastar, mas em vez disso voou para cima de Loki, golpeando-o com tanta força no rosto que ele ficou vendo tudo branco por um instante antes de cair no chão.

Sara arfou, contudo, não disse nada. Depois de anos, ela havia aprendido que não podia fazer nada para impedir que o rei descontasse a raiva em Loki.

Loki estava caído no chão, massageando o maxilar. Por um momento, ele teve certeza de que o rei tinha quebrado seu maxilar, e não seria a primeira vez em que acontecia algo assim. Mas nem por isso era menos doloroso.

Jen começou a rir, divertindo-se com a dor de Loki, porém, o rei o interrompeu.

– Saíam daqui! – rugiu o rei, virando-se para Jen e Kyra. – Saíam antes que eu faça o mesmo com vocês!

Eles saíram correndo, enquanto murmuravam pedidos de desculpa, e bateram fortemente a porta pesada de carvalho atrás deles.

Apesar de ainda estar sentindo dor, Loki conseguiria se levantar, mas preferiu não fazê-lo. Ficar no chão era mais seguro. Levantar-se seria apenas dar ao rei uma desculpa para golpeá-lo novamente.

– Esta é a última vez que você me decepciona – rosnou o rei. – Dei-lhe tudo, e você me desapontou inúmeras vezes. Você é apenas um príncipe preguiçoso e mimado.

– Não sou príncipe – corrigiu Loki em voz baixa.

– E nunca será! – gritou o rei, como se fosse alguma espécie de ameaça.

Loki rolou para ficar deitado de costas e suspirou.

– Eu não quero ser.

– Ótimo! Porque você nunca vai ser nada! Você vai estar morto muito em breve! – O rei soltou um palavrão por entre os dentes, depois foi até Loki e o chutou na lateral do corpo.

Loki levantou-se, segurando o abdômen. Por um instante, ficou sem conseguir respirar, nem se mexer, nem fazer nenhuma outra coisa além de sentir a dor que deixava todo o seu corpo ardendo.

– Oren! – Sara arfou, segurando o braço da cadeira, mas sem se levantar.

O rei sacudiu as mãos em desespero, como se não soubesse mais o que fazer.

– Estou me contendo, minha querida – disse o rei, e Sara conseguiu perceber isso pela voz dele. Ele estava ignorando a sua von-

tade de gritar e falava calmamente. – Quero a cabeça dele numa bandeja, mas não é isso que estou vendo. – Ele apontou para onde Loki estava se contorcendo de dor. – Ele está vivo, por causa do respeito por você e pelo título dele. No entanto, se continuar me decepcionando, ele não vai durar muito tempo.

– Eu sei. – Sara levantou-se e colocou o cachorro na cadeira atrás dela. – E agradeço por isso, meu rei. – Sara foi em direção ao marido, mantendo o tom de voz tranquilizador. – Sei o quanto está frustrado e o quanto quer a princesa. Você sabe o quanto eu a quero também.

O rei soltou o ar pesadamente e pareceu ficar mais tranquilo, na medida em que um rei consegue ficar mais tranquilo.

– Eu sei. – Ele concordou com a cabeça. – Esqueço às vezes o quanto a princesa também significaria para você.

– Talvez você esteja descontando a raiva no lugar errado. – Quando o rei abriu a boca para protestar, ela ergueu a mão. – Não deve ser em Loki. Ele o desapontou. Mas talvez seja mais útil descontá-la nos Trylle, não em seu próprio povo.

– O que está sugerindo? – O rei apertou os olhos na direção dela.

– Nada que você nunca tenha sugerido, meu querido. – Ela colocou as mãos no peito dele e sorriu. – Você disse que faria tudo para pegá-la, e nada foi perdido ainda. Ela está com os Trylle, mas você já guerreou com eles antes. Não seria diferente agora.

O rei concordou com a cabeça, considerando o que a esposa tinha dito.

– Loki – berrou o rei sem olhar para ele. – Reúna todos os melhores rastreadores que temos, todos os nossos Vittra poderosos. Vamos lançar um ataque contra os Trylle.

Loki levantou-se, ainda segurando a lateral do corpo. Ele esticou a mandíbula, que latejava fracamente, e estalou o pescoço.

– Até os hobgoblins, senhor? – perguntou Loki.

– Não, ainda não. – O rei balançou a cabeça. – Vamos deixá-los reservados até que seja absolutamente necessário.

TRÊS



Loki estava mais aos fundos no cômodo enquanto o rei explicava os planos que tinha feito para o ataque ao palácio Trylle em Förening. O rei já havia lançado ataques contra eles antes, e alguns deram bem certo, por isso não havia por que pensar que agora seria diferente.

Entretanto, esta não seria a sua tentativa derradeira, e Sara tinha-o convencido a não fazer uso de algumas coisas e a não ir com tudo para cima deles. A rainha achou que era desnecessário o marido e Loki correrem um risco daqueles. Oren e Loki eram os dois Vittra mais poderosos que tinham, mas o exército que o rei montou devia ser suficiente para acabar com os Trylle.

Os Trylle tinham se tornado fracos e complacentes nos últimos anos, o que era parte da razão de o rei menosprezá-los tanto. Então, o rei não planejou atacar com tudo o que tinha. Não achou que fosse necessário.

Ele conhecia a sociedade Trylle o suficiente para saber que o baile de debutante dela aconteceria em breve, e ele tinha es-

piões nos acampamentos vizinhos que lhe contariam exatamente quando aconteceria. O rei podia ir atrás dela antes disso, quando a segurança no palácio Trylle estivesse mais frágil, mas queria fazer algo chamativo. Queria que os trolls de todas as tribos soubessem exatamente o quanto ele era poderoso, por isso planejou o ataque para aquela noite, mesmo se houvesse bem mais guardas Trylle a postos.

Após o fim da reunião, o rei saiu com seu exército Vittra para que fizessem alguns exercícios de treinamento que os ajudassem a lutar contra os Trylle. Como Loki não faria parte da missão, ele ficou encostado numa estante de livros nos fundos dos aposentos do rei.

– Como você está? – perguntou Sara quando os dois ficaram a sós no aposento.

– Ah, você sabe, com a mesma felicidade que sempre sinto após uma boa surra. – Loki sorriu ironicamente, e ela contraiu os lábios.

Ela foi até ele e colocou a mão na lateral do seu corpo, querendo curá-lo do chute que o rei tinha dado; no entanto, Loki se contorceu e se afastou do toque.

– Loki, eu sei o quanto o rei é forte. Sei mais do que ninguém – disse Sara.

Ele sabia que era verdade. Ao longo dos anos, ele viu que ela teve a sua cota de machucados, provavelmente ainda mais do que o próprio Loki tinha recebido das mãos do rei. Ele olhou para ela, mas logo desviou a vista.

– Estou bem – insistiu ele, apesar de não ser verdade.

– Devia deixar que eu o curasse. – Ela aproximou-se dele, que se afastou. – Você pode estar com um órgão perfurado ou uma costela quebrada. Por que não me deixa ajudá-lo?

– Porque não. – Ele suspirou e passou a mão no cabelo cor de areia. – Eu mereci.

– Loki, não é possível que esteja falando a sério. Você sabe que não mereceu. Oren fica violento por qualquer motivo, você não pode ficar ressentido por causa disso.

– Mas eu devia tê-los ajudado – disse ele em voz baixa. – Jen e Kyra. Foi o que Oren ordenou que eu fizesse. Ele disse que eles não dariam conta. E eu sabia disso. Não os ajudei o suficiente. Eu sabia que ela escaparia.

– Você não tinha como saber disso – disse Sara, tentando tranquilizá-lo.

– Eu sabia, sim. – Ele parou. – Até torci para que ela escapasse.

O queixo de Sara caiu e seus olhos arregalaram.

– Loki!

– Ah, fala sério, Sara! – Loki olhou para ela, soando exasperado. – Sei o quanto você quer aquela garota, mas de que vai adiantar trazê-la para cá? Acha mesmo que a sua vida vai melhorar por causa disso? Ou a do rei?

– Nós dois seremos mais felizes – disse Sara, abaixando os olhos. – Tudo fica melhor quando o rei está feliz.

Loki riu sombriamente.

– Acha mesmo que ela vai deixá-lo feliz? Eu vivi a serviço do rei a vida inteira, e, em vinte e três anos, nunca o vi feliz. *Nada* o deixa feliz.

– Você não compreende. – Sara balançou a cabeça e se afastou dele. – E não posso acreditar que você a deixou escapar de propósito.

– Por que é tão difícil acreditar? – perguntou Loki. – O rei vai simplesmente tratá-la da mesma maneira como trata a mim

e a você, e você sabe disso. Então, dessa vez eu quis ver alguém escapando. Queria que alguém se livrasse da armadilha em que eu e você estamos presos.

Sara continuou a se afastar de Loki, com a cauda de seu longo vestido vermelho se arrastando no chão atrás dela. Seu cabelo preto tinha sido puxado para trás num rabo de cavalo apertado, como ela costumava usá-lo. Ela fazia tudo o que era possível para parecer tão forte e imponente quanto seu marido, porém, havia algo de meigo e de frágil nela.

Às vezes Loki ficava surpreso pelo rei não tê-la ferido, mas, quando ela olhava para ele, com os olhos castanhos nadando em lágrimas, Loki percebia que ele de fato a tinha machucado. Fisicamente, ela ainda estava na frente dele, entretanto, Sara não era a mesma mulher que ele havia conhecido catorze anos antes.

– Você não compreende – disse ela enfaticamente. – A princesa vai mudar as coisas, não apenas para mim. Para todos nós. Ela tem aquele poder.

– Sara. – Loki suspirou e aproximou-se dela. Ele colocou a mão em seus braços descobertos, e ela o olhou, com o lábio tremendo. – Você tem tentado mudar as coisas desde que se casou com Oren, e eu tenho tentado desde sempre. Porém, nada do que fazemos adianta. Ele não vai nunca abdicar do poder. E uma única garota não será capaz de mudar nada na nossa vida.

– Talvez você tenha desistido, mas eu não. – Ela enxugou as lágrimas e se afastou dele. – Eu nunca vou deixar de acreditar que nós podemos ser melhores.

– Eu não... – Ele parou de falar. – Deixa pra lá.

– Mas eu não entendo. Se você acha que fez a coisa certa ao deixá-la escapar, por que disse que mereceu o que Oren fez com você?

– Por causa de toda a confusão lá fora. – Loki gesticulou vagamente para a porta, por onde se ouviam gemidos e grunhidos dos exercícios de treinamento. – Eles vão fazer uma guerra por causa dela. Pessoas vão se machucar e morrer, e eu podia simplesmente ter trazido ela de volta para cá e evitado tudo isso.

– Sim, podia – disse Sara com impaciência. – Você nunca pensa nas coisas direito.

Ele suspirou e se deixou cair numa das cadeiras do rei.

– Não preciso de um sermão, Sara. Você não é minha mãe.

– A sua mãe era uma mulher boa, e ela daria um sermão bem pior do que esse – rebateu Sara. – Você tem que deixar de ser tão impulsivo. As coisas que você faz têm consequências.

– Eu estava tentando fazer o que é certo!

– Você achou que deixá-la escapar seria certo? – perguntou Sara duvidosamente.

– Sim, mais ou menos – admitiu ele.

Sara passou a mão na testa, como se falar com ele estivesse lhe causando dor de cabeça.

– Você é tão tolo às vezes.

– Eu fiz besteira...

– Não quero saber! – gritou Sara repentinamente, e ergueu a mão para ele. – Você deixou que ela escapasse! E isso é imperdoável.

Loki não falou nada. A voz dela tremia de mágoa, e ele não tinha como consertar aquilo. Engolindo em seco, ele olhou para o próprio colo e deixou que ela continuasse.

– Esse ataque contra os Trylle deve dar certo – disse Sara. – Contudo, se não der, você vai fazer qualquer coisa que o rei pedir para trazê-la de volta. Não, não é verdade. Você fará toda e qual-

quer coisa que for necessária, mesmo que isso signifique passar por cima das ordens do rei. Porque você vai ver, Loki; se deixá-la escapar de novo, eu não vou defendê-lo da ira do rei. – Ela respirou fundo. – Está me entendendo?

– Sim – disse ele, falando baixo, ainda olhando para o colo.

– Loki? – vociferou Sara. – Está me entendendo?

– Sim! – Ele ergueu a cabeça e conseguiu ver convicção nos olhos dela. Ela deixaria o rei matá-lo se ele não trouxesse a princesa de volta.

– Ótimo. – Ela alisou o cabelo e desviou o olhar dele. – Agora você precisa passar a se comportar. Você poderia muito bem participar dos exercícios de treinamento lá embaixo.

Loki fez o que ela mandou, assustado demais para discutir. O bizarro foi que ele tinha dito a verdade por achar que ela compreenderia. Ele achou que ela concordaria com ele a respeito de ele ter feito a coisa certa ao deixar a princesa escapar de tudo isso, mas Sara estava deixando que suas próprias necessidades a cegassem.

Sem nenhum aliado, Loki não tinha escolha. Se o rei não conseguisse pegar a garota com o ataque, então Loki teria que pegá-la depois.

QUATRO



— Já deveríamos ter alguma notícia deles a esta altura – disse Sara, andando de um lado para o outro nos aposentos do rei com o seu cachorrinho, Froud, seguindo seus calcanhares.

— Daqui para Förening é longe – falou o rei, com a voz firme tentando ao máximo soar tranquila. — Dê tempo para eles atacarem. O baile de debutante começou há apenas algumas horas.

Loki estava sentado atrás da escrivaninha do rei, folheando um livro de canções de ninar dos Vittra. Eram todas surpreendentemente perturbadoras, normalmente envolvendo uma criança desobediente sendo drogada por hobgoblins ou por tribos rivais, para ser comida ou virar escrava.

Ele encontrou aquela canção que sua mãe costumava cantar, e era a menos horrenda de todas. Ainda assim, era sobre um ser humano transformando-se em pássaro para tentar roubar um bebê Vittra, mas ao menos o bebê sobrevivia no fim.

Na verdade, ele preferia estar em qualquer outro lugar menos ali naquele aposento, esperando ver como a luta tinha sido e se

tinham capturado a princesa. Tanto o rei quanto a rainha ordenaram que Loki esperasse ao lado deles; porém, o rei estava sentado estoicamente enquanto Sara andava de um lado para o outro.

A tensão no quarto era exaustiva, e o livro de canções de ninar não o distraía o suficiente. Pensou em pegar o livro sobre tortura, porque isso com certeza o faria parar de pensar em tudo. No entanto, ele não queria ver todas as coisas horríveis que o rei um dia faria com ele.

– E se eles não a capturarem? – perguntou Sara, virando-se para o marido. Ela apertava as próprias mãos, e sua pele macia estava pálida, o que não acontecia muito.

– Eles vão capturá-la – respondeu Oren, olhando por cima dela para as portas dos aposentos.

– E se não capturarem? – Parecia que Sara ia chorar, e Loki levantou os olhos do livro. – Oren, talvez seja a nossa última chance de pegá-la.

– Está falando como se eles fossem matá-la. – Loki tentou tranquilizá-la. – Mesmo se não a pegarem hoje, os Trylle não vão machucá-la. Eles vão apenas esperar, por precaução. Então, você não tem nada com que se preocupar.

– Loki tem razão desta vez. – O rei apontou para ele.

Sara concordou com a cabeça, porém, não pareceu muito convencida. Ela voltou a andar pelo quarto, e Froud praticamente tropeçou na cauda de seu vestido.

Loki voltou a ler as canções de ninar, mas, antes que ele avançasse na leitura, ouviram uma movimentação no corredor. Passos correndo, e em seguida a porta dos aposentos foi escancarada.

Quando Kyra entrou bruscamente no aposento, Loki levantou-se. Ela estava horrenda, com o cabelo curto chamuscado. Sua

pele e sua roupa estavam manchadas de sujeira e sangue, exceto pelos dois riscos limpos no rosto, por causa de lágrimas.

– Não conseguimos pegá-la. – A voz de Kyra tremia, e ela balançou a cabeça. – Eles nos derrotaram. Mataram Jen.

– Eles mataram Jen? – perguntou Loki, surpreso. Ele nunca se importou tanto com aquele cara, mas sempre achou que Jen fosse um rastreador bastante forte.

– Eles são bem mais fortes do que nós imaginamos – prosseguiu Kyra.

– Onde está ela? – perguntou Sara, como se não tivesse escutado nada do que Kyra disse. – Onde está a princesa?

– Ela ainda está em Förening. – Kyra olhou para o rei nervosamente, com medo que ele fosse golpeá-la. – Ela está bem, mas ainda está com eles.

– Quantas baixas a mais tivemos? – perguntou o rei, até agora parecendo inabalado.

– Não sei – admitiu Kyra. – Muitas.

– Hum. – O rei levantou-se, juntando as mãos atrás do corpo. – Muito bem, então. Teremos que fazer algo mais drástico para pegá-la, e faremos tudo o que for necessário.

Ele sorriu, e Kyra encolheu-se, achando aquilo mais assustador do que seu olhar severo.

– Uma coisa eu garanto – prosseguiu o rei. – Wendy será nossa.

Impresso na Gráfica Stamppa, Rio de Janeiro – RJ.